



A educação nas fronteiras do humano

Education in the human boundaries

Maria Augusta Salin Gonçalves
guta@unisinos.br

Resumo: Neste artigo, o autor traz reflexões sobre o papel da educação no processo de formação do homem nas fronteiras do humano. Analisa os problemas do homem na contemporaneidade, focalizando a problemática da penetração da racionalidade instrumental em âmbitos da interação social, substituindo a racionalidade comunicativa, como base de decisões que envolvem o homem em seu agir ético, moral e político. Esse cenário clama pela busca de um novo paradigma que oriente visões de mundo portadoras de valores que assegurem à humanidade a sua marcha histórica de forma equilibrada, integrando os avanços advindos dos processos de modernização em um projeto que vise a salvaguardar as possibilidades de vida digna para todos os seres humanos. Nesse processo, a educação ocupa um papel central.

Palavras-chave: educação, racionalidade instrumental, racionalidade comunicativa.

Abstract: In this article, the author reflects on the role of education in the process of building in the human boundaries. Contemporary problems are analyzed, focusing on the problematic about the introduction of the instrumental rationality in social interaction domain replacing the communicative rationality as the basis for decisions that involve human beings and their ethical, moral and political actions. This setting claims the search for a new paradigm to guide world views, which should have values to ensure the humanity its historical march in a balanced way, integrating advances that came from modernization processes in a project that intends to safeguard the possibilities of a worthy life to all human beings. In such process, Education plays a fundamental role.

Key words: education, instrumental rationality, communicative rationality.

Início este artigo com as reflexões sobre a idéia de *fronteira*. Fronteira, ao mesmo tempo em que significa limite de um espaço, significa também uma consciência do além-limite. No espaço concreto da fronteira, alguma coisa se anuncia. Como conceito espacial, tem implícita a idéia de que se sei onde está o limite, é porque

tenho consciência do que está além dele, do que está fora daquele espaço. Utopia tem esse sentido etimológico – *u-topos*-, significa o que está além de um determinado espaço. Visualizar a educação nas fronteiras do humano significa conhecer o espaço dos seus limites, ou seja, dos inúmeros condicionamentos que cercei-

am a sua ação – condicionamentos de ordem pessoal, estética, cultural, social e política. Significa também que, para identificar esses condicionamentos, é preciso ter uma visão do que está além deles, o que possibilita a crítica e dá diretriz e rumo às ações humanas. A visão do que está além – a utopia – é o que ilumina o

percurso para a busca de transformações, para que a fronteira afrouxe as suas barreiras e permita a emergência de caminhos que conduzam para além dela, direcionando o processo histórico. Ter a consciência do limite é vislumbrar o além-limite, é visualizar caminhos, pontes e liberar os seus potenciais emancipatórios.

Refletir sobre a educação nas fronteiras do humano significa compreendê-la engajada nesta luta, como uma possibilidade integradora de abrir e consolidar novos caminhos para a humanidade

É inegável que a modernidade, com o avanço da ciência e da técnica, trouxe ao homem inúmeros progressos, que, embora crivados de contradições de toda a ordem, não podem ser ignorados. As realizações humanas no âmbito da ciência e da técnica – a cura de doenças, os meios de comunicação, a informática, a biologia genética, a conquista do espaço, etc. - são realizações que atingiram níveis impensáveis em outras épocas, trazendo constantemente inovações. Podemos identificar também avanços sociais, como a instauração de democracias, abolição da escravidão, valorização da mulher, a dissolução de fronteiras na comunicação entre diferentes culturas. Por outro lado, as conquistas da civilização moderna e tecnológica passaram a se constituir em sérias ameaças à sua própria existência, pois convivemos, no dia-a-dia, com o risco de guerras, acidentes nucleares e da biotecnologia como arma destrutiva. O homem contemporâneo sente-se também cada vez mais pressionado por condições sociopolíticas que se mostram impotentes diante da destruição do meio-ambiente, da pauperização crescente de grande parte da humanidade, da exclusão, da miséria e da violência.

Na busca de entender esse processo, identificamos duas forças totalizantes que, no momento atual, se

constituem em motor da história humana. Por um lado, o mundo é conduzido pelos avanços da tecnologia, que se transforma cada vez mais em tecnocracia. Por outro lado, é conduzido pelo capital, que, em um processo de acumulação progressiva e sem fronteiras, oprime e anula a humanidade do homem.

Retomando um pouco o movimento histórico, a partir do século XIX, com o avanço e consolidação do sistema capitalista, aumenta progressivamente a interdependência da ciência e da técnica. Enquanto a ciência evolui e amplia as suas possibilidades, desenvolve-se a tecnologia e, com ela, a sociedade industrial acelera o seu desenvolvimento, crescendo em complexidade. A ciência e a técnica então aliadas instauram, no interior do sistema capitalista, a inovação, assegurando a sua permanência. A vinculação do desenvolvimento industrial à ciência e à técnica fez com essas perdessem a sua dimensão emancipatória, tornando-se poderosas forças produtivas, que não somente impulsionam o desenvolvimento econômico, como também são fontes da legitimação do sistema (Habermas, 1987).

Na interação desses dois processos interdependentes, o mundo oferece atualmente o espetáculo de uma totalidade em marcha incessante, que define os caminhos da humanidade e assume as decisões que dizem respeito a seu destino. O mais grave é essas forças condicionam a forma de os homens relacionarem-se entre si e instauram visões de mundo, assumindo um caráter unificador e onipresente, que penetra em todas as instâncias da vida social e política e no espaço singular de cada indivíduo. A razão, que permitiria escolhas em função de um projeto que abrangeria a humanidade como um todo, é asfixiada no processo de globalização, que anula ou torna inviáveis as possibilidades de o homem assumir o seu destino histórico.

Essa idéia encontra reforço em Habermas (1988), que diz que a causa das patologias da sociedade industrial moderna não reside no desenvolvimento científico e tecnológico como tal, mas na penetração da racionalidade inerente a esse desenvolvimento, a racionalidade instrumental, no âmbito da interação social, substituindo a razão comunicativa como base de decisões conscientes, ancoradas em valores éticos e políticos.

A consciência tecnológica hoje é dominante, não somente porque somos dependentes dos produtos da técnica, mas, principalmente, porque a forma de o homem atual situar-se frente à realidade é tecnológica, é instrumental. Nesse processo, não somente a natureza, mas os próprios homens são coisificados, perdendo a característica essencialmente humana de possuir um fim em si, para tornarem-se meios. Passam assim a possuir valor em função da sua capacidade de coordenar meios para atingir objetivos, em geral determinados por processos econômicos.

A racionalidade que impregna as visões de mundo contemporâneas faz com que, cada vez mais, o homem sintase como uma peça na engrenagem de um sistema que o oprime, anulando a sua individualidade, e, ao mesmo tempo, suprimindo as suas possibilidades de participação consciente na comunidade, o que produz o seu isolamento.

Rollo May (1977), em sua obra *Psicologia e dilema humano*, aponta para as dificuldades que o homem contemporâneo enfrenta ao tentar encontrar-se em seu mundo – em um mundo, em que acontecem profundas mudanças culturais, em que os antigos valores são abalados e as formas tradicionais de viver deixam de ser viáveis. Esse autor coloca no cerne dos problemas do homem ocidental contemporâneo interrogações que envolvem o sentido do Eu:

“Quem eu sou?”, “Para onde vou?”, “Qual o significado da vida”, questões essas que ficam cada vez mais difíceis de serem respondidas, mas que, ao mesmo tempo, não deixam de ser feitas. Essa perda de significação, de sentido, do homem contemporâneo, aponta para uma “crise de identidade”, que Rollo May vê como o resultado do “coletivismo, da educação de massa, da comunicação de massa, da tecnologia de massa e outros processos de ‘massa’ que formam a mente e as emoções das pessoas modernas” (1977, p. 37).

Os dois processos que, a nosso ver, se constituem na construção do humano – a individuação e, ao mesmo tempo, a socialização – estão cada vez mais distantes da vida cotidiana do homem comum. A construção da identidade pessoal e da identidade cultural se dá na interdependência e na interpenetração desses dois processos que constituem o homem em seu percurso histórico. O processo de individuação se caracteriza pela interpretação adequada das experiências pessoais, vivenciadas em um determinado contexto cultural, e a sua integração na identidade do Eu. O desenvolvimento desse processo, que possibilita ao indivíduo tornar-se livre, criativo e autônomo, está submetido, na sociedade industrial, cada vez mais, a mecanismos que suprimem decisões fundamentadas em princípios racionais e solidários, em função de ações movidas por interesses de cunho utilitarista e individualista, que anula o outro e a si mesmo. Os processos de socialização, que supõem a participação consciente na construção da vida social, em que a liberdade individual aprende a colocar limites a si mesma, estão, cada vez mais, submetidos à racionalidade instrumental, que anula o outro e o torna objeto. A anulação do outro impede a construção de um projeto comum humanizador, que, por sua vez, possibilitaria a individuação.

Esse cenário da contemporaneidade clama pela busca de um novo paradigma que oriente visões de mundo portadoras de valores que assegurem à humanidade a sua marcha histórica de forma equilibrada, integrando os avanços advindos dos processos de modernização em um projeto que vise a salvaguardar as possibilidades de vida digna para todos os seres humanos. Isso significa transcender à modernidade, favorecendo a emergência de transformações que ocorram no seio das instituições e constituam uma abertura para modalidades de consciência que expressem uma superação da racionalidade instrumental e permitam a participação consciente do homem em mudanças nas estruturas econômicas e políticas.

Visualizar a educação nesse contexto significa buscar respostas às questões: Qual o papel da educação na emergência de uma racionalidade que permita ao homem assumir o seu destino histórico? Qual o seu papel na busca de uma nova forma de relação do homem com a natureza e com os outros homens que incorpore as inovações tecnológicas, mas as submeta a um projeto que vise à humanização do homem, favorecendo a inclusão de todos e a preservação da vida, em todos os seus níveis?

Não tenho respostas definitivas a essas questões. Pretendo apenas refletir sobre alguns pressupostos que estão na base de práticas educativas que visam a favorecer a emergência de uma racionalidade, que, na superação dialética da racionalidade instrumental, traga a semente da reconstrução da sociedade e da reinvenção da cultura. Referimos-nos a práticas educativas que visam a resgatar uma racionalidade em que os processos de individuação se efetuem em sua interação dialética com os processos de socialização, permitindo que o indivíduo construa a sua identidade pessoal em consonância com princí-

pios de solidariedade, de participação comunitária e integração social.

No âmbito da escola, esses princípios se concretizam em práticas educativas que propiciam ao aluno experiências de reflexão e diálogo, oportunizando-lhe a participação em discussões que envolvem a tomada de decisões no âmbito da escola.

O diálogo, nesse sentido, traz em seu cerne a questão ética fundamental - o reconhecimento do outro em sua alteridade e ocorre em um espaço no qual habita um potencial de entendimento mútuo que possibilita a emergência do novo. Dessa forma, as reorientações e decisões resultantes do diálogo não são frutos de nenhuma dominação por parte dos participantes, mas, sim, do esforço conjunto na construção de algo novo. É nessa perspectiva que se situa o diálogo, como o compreende Paulo Freire, (1987, 1991, 1994), pois, como base de todo o processo educativo, ele tem como princípio o respeito à cultura do aluno, procurando compreender a sua visão de mundo e apoiando-se nos saberes que ele traz, que são a expressão de suas experiências de vida. Ao mesmo tempo, busca articulá-los com saberes éticos que construam a possibilidade de uma participação democrática, responsável e capaz de produzir consensos e de reconhecer e respeitar as diferenças.

A comunicação intersubjetiva capaz de produzir a emergência de decisões éticas não é algo inato, nem apenas um reflexo de processos culturais, mas é uma forma de ser que pode ser aprendida, constituindo-se em um grande desafio à educação a realização dessa tarefa.

Esse objetivo traz como pressuposto uma visão de homem como sensibilidade e razão, isto é, como possuidor do poder de reflexão que, ancorada em sentimentos solidários, possibilita a reconstrução de seu mundo.

No processo dialético do agir moral, vemos no homem a possibilidade

de romper com a naturalidade do agir cotidiano e questionar e refletir sobre as suas ações. Com o poder da reflexão, o homem, ao apreender-se como sujeito a condicionamentos de toda a ordem, apreende-se também como capaz de *razão e liberdade*, isto é, como possibilidade de pensar criticamente e realizar escolhas racionais. Não está, portanto, à mercê de condicionamentos que determinariam o seu agir, nem é liberdade pura, mas, sim, liberdade de um homem situado no mundo, vivendo uma situação concreta em um contexto cultural específico e em uma determinada época histórica. Como expressa Merleau-Ponty: “Não há, nunca, pois, determinismo e, nunca, escolha absoluta, nunca

sou coisa, e nunca consciência nua” (1980, p. 456).

Com base nessa concepção de homem, acreditamos que a educação, superando fronteiras, pode incentivar os potenciais criativos do homem, abrindo espaços existenciais, em que os esforços se concentrem na reconstrução de valores mais humanos, que orientem os homens para assumir o seu destino histórico.

Referências

- FREIRE, P. 1987. *Medo e ousadia - o cotidiano do professor*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 224 p.
- FREIRE, P. 1991. *A Educação na Cidade*. São Paulo, Cortez, 144 p.
- FREIRE, P. 1994. *Pedagogia da esperança - um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 245 p.
- HABERMAS, J. 1994. *Ciencia y técnica como “ideología”*. 2ª ed., Madrid, Tecnos, 181 p.
- HABERMAS, J. 1988. *Teoría da la acción comunicativa I - Racionalidad de la acción y racionalización social*. Madrid, Taurus, 517 p.
- HABERMAS, J. 1988. *Teoría da la acción comunicativa II - Crítica de la razón funcionalista*. Madrid, Taurus, 618 p.
- MAY, R. 1977. *Psicología e dilema humano*. Rio de Janeiro, Zahar, 226 p.
- MERLEAU-PONTY, M. 1980. *Fenomenologia da Percepção*. Rio de Janeiro, Livraria Freitas Bastos, 465 p.

Submetido em: 21/08/2006

Aceito em: 18/09/2006